A crítica de cinema

como parte da atividade cinematográfica

Angélica Queiroz, Carolina Soares, Marcela Guimarães, Renato Joseph

Inácio Araújo transitou por todos os estágios da produção cinematográfica. Entre 1970 e 1980 atuou como roteirista, assistente de direção e montador. Em 1982 escreveu, dirigiu e montou o média-metragem *Aula de sanfona*. Autor dos livros *Hitchcock, o mestre do medo* e *Cinema, o mundo em movimento*, Inácio também se dedicou ao romance, escrevendo o premiado *Casa de meninas* e o juvenil *Uma chance na vida*. Sua versatilidade e sensibilidade são expressas por meio das críticas de cinema que escreve para o jornal *Folha de S. Paulo*.

Autor do blog Cinema de Boca em Boca, Inácio Araújo foi convidado para compor o júri do XII Festival de Cinema de Vídeo Ambiental (FICA) na cidade de Goiás. No *hall* do hotel, recebeu o **Jornal UFG** para falar sobre a crítica de cinema no atual contexto do jornalismo impresso.

Tem-se discutido a morte da crítica de cinema. Qual a sua opinião sobre isso?

Eu tenho a impressão de que, objetivamente, em termos de grande imprensa, a presença da crítica diminuiu muito. Hoje há um sistema armado em torno da grande publicidade feita pelos estúdios que visa neutralizar qualquer atitude crítica. Quando um filme como *Avatar* é lançado, há uma mobilização durante meses, um aparato de *marketing* estruturado de tal modo que faz com que o filme se transforme em um evento e todos sejam obrigados a vê-lo. Em um sistema desse tipo, a presença da crítica é irrelevante. Os espaços tornam-se mais importantes. No entanto, acredito que de qualquer maneira a crítica continua existindo como função intrínseca à atividade cinematográfica, como a montagem, a fotografia... É preciso que haja observação mais detalhada do que é feito. E isso continua a existir, em revistas especializadas ou mesmo em jornais e na internet.

Falta espaço para uma crítica mais aprofundada, para a análise?

A internet é um espaço. Não a vejo nos jornais, exceto algumas vezes, em suplementos, mas sem continuidade. Temos as universidades como um ambiente de análise e de reflexão. Se ela se comunica bem ou mal com a sociedade e se escolhe as ferramentas certas é outra história. Porém, há um espaço de reflexão cinematográfica que, hoje, de alguma maneira, pertence à universidade. As pessoas que no passado escreviam em revistas e em outros veículos, hoje são professores. Por outro lado, tenho a impressão de que, para se ter um espaço com uma análise maior, é necessário ter quem leia uma análise maior. Para se ter interesse nesse tipo de análise, é preciso haver também um momento em que isso se justifique. Pode ser que tenhamos um ou dois filmes no decorrer do ano que mereçam uma atenção especial. Mas é diferente de quando estávamos nos anos 70, por exemplo, quando se tinha, a cada semana, alguma coisa que transformava a concepção de cinema dos espectadores. Tudo isso era objeto de uma discussão diária que repercutia em uma análise, semanal ou mensal, nos jornais. Hoje isso não acontece. Não se tem leitor e nem uma produção que justifique isso.

A crítica feita no Brasil atualmente é fragmentada, visto que não existem mais aqueles espaços característicos para a discussão e não se vê o chamado "movimento de crítica". Falta coesão na crítica brasileira?

O que se chama de movimento de crítica, na verdade, são oposições que acontecem em função de uma produção. A produção atual não é o bastante. Por exemplo, nos anos 50 o cinema brasileiro divide-se em chanchada e nos filmes produzidos pela Vera Cruz, apontados como qualificados. Já se tem uma discussão. Surge outra concepção, o cinema novo. Pouco depois surge o cinema marginal. Então, havia uma relação entre fazer e comentar, em um movimento muito rico no cinema brasileiro. Hoje não se tem isso, porque a produção, de um modo geral, é fraca. E ela é submetida a questões que são muito menores, como a questão do dinheiro para se produzir. E é uma situação em que ninguém quer ver os filmes e eu quero buscar uma maneira de fazer com que as pessoas vejam os filmes. Evidentemente, esse é um problema secundário que não pode engrenar uma grande transformação.

Como você seleciona os filmes que merecem um olhar mais profundo?

Observo que os filmes que mais me impressionam são os que abrem alguma perspectiva de futuro. E há também os que fecham, aqueles que não contribuem para uma melhora no quadro geral. Já outros, eu penso que são exemplares. Há ainda uma categoria de filmes que são exemplares porque não devem servir de modelo. Não existe uma categoria de filmes que atraem, eles simplesmente atraem, chamam a atenção pela qualidade, ótimo elenco, tratamento de assuntos estimulantes e, do meu ponto de vista, o que mais interessa são as questões relacionadas ao modo de produção. Isso porque penso que é um problema vital no Brasil. Acho que é um aspecto muito discutido e que não é nem tanto o filme, mas como se organiza a produção. Tudo isso são coisas que interessam e o filme muitas vezes é resultado disso. Às vezes, nós temos uma série de filmes não muito interessantes e transformadores, perto da Argentina, por exemplo. Acho que essas coisas devem motivar pessoas que estão envolvidas com o pensamento cinematográfico. São questões que estão em todos os lugares.

e+ Confira outros trechos da entrevista em www.jornalufgonline.ufg.br